



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

## GIANNI VATTIMO - DA ONTOLOGIA NIILISTA À ÉTICA PÓS-METAFÍSICA: UMA ÉTICA SEM TRANSCENDÊNCIA?

Jorge Luís de Oliveira Gomes<sup>1</sup>; Antonio Glaudenir Brasil Maia<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestrado Acadêmico em Filosofia, MAF, CENFLE, UVA; E-mail:  
jorgeoliveiragomes5@gmail.com

<sup>2</sup>Docente/Pesquisador, CENFLE, UVA; E-mail: glaudenir@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho trata-se de um pequeno esboço da sessão 2.3. *Da Ontologia Niilista à Ética Pós-metafísica: uma ética sem transcendência?* da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Filosofia MAF-UVA. Tem como objetivo compreender a construção da ética na idade da pós-modernidade, onde tomamos como ponto de partida e referencial teórico a obra e o pensamento do pensador italiano Gianni Vattimo. Pensar a ética na pós-modernidade, requer que a pensemos a partir do crivo da crítica à metafísica, uma vez que é com a superação da metafísica houve toda uma reestruturação do pensamento. Essa reestruturação diz respeito especialmente ao reconhecimento das minorias. Reconhecendo a orientação niilista do pensamento de Gianni Vattimo, é possível pensar a ética fora dos vieses metafísicos como foi pensado pela tradição de pensamento.

**Palavras-chave:** Niilismo, Fim da metafísica, Ética pós-metafísica, Gianni Vattimo.

### INTRODUÇÃO

A discussão sobre a ética perpassa toda a história do pensamento partindo de Sócrates e vêm até nossos dias. Contudo, podemos afirmar que em nossa era (pós-moderna) o cardápio ético possui elementos que pensadores do passado mal ou sequer tocaram, não que não fossem capazes, mas sim porque estes elementos eram articulados com a experiência humana. Basta citar os múltiplos problemas morais que surgiram na nossa experiência diária, por exemplo: as relações entre casais, trabalhistas, familiares, de reconhecimento, etc. O fato é que a ética na pós-modernidade não pode ser posta ou mesmo pensada como fora nas sociedades tradicionais sob o risco de se tornar uma metanarrativa. Este trabalho tem como objetivo explicitar de forma breve como Gianni Vattimo a partir da leitura que faz de Nietzsche e Heidegger pensa a ética no contexto da pós-modernidade.

### METODOLOGIA

O fio conductor da pesquisa não consistiu apenas em uma abordagem analítica do tema onde se faz o corte de uma problemática sem levar em conta sua transformação ao longo da obra do autor. Foi uma opção de nossa pesquisa seguir um desenvolvimento diacrônico isto é, analisar o desenvolvimento do tema proposto ao longo do pensamento do autor mostrando até onde ele tem se mantido fiel ao longo de sua obra e comparativo analisando as relações entre a crítica à metafísica, *pensiero debole*, ética, política e emancipação humana

em Gianni Vattimo não apenas as suas teses, mas suas influências conceituais ao longo do tempo

### A Condição ética na pós-modernidade: uma ética pós-metafísica?

É um tanto assustador falar em dissolução da ética em tempos pós-modernos, onde por uma longa tradição de mais de dois mil anos se tem pensado a ética como o fundamento da ação humana. A pós-modernidade, contudo, assume uma postura de crítica dos ideais legitimadores da modernidade ilustrada, como aponta Tereza Oñate, “[...] é a pósmodernidade o lugar no qual se realizou a compreensão crítica das razões e dos pressupostos da modernidade”. (OÑATE, 2018, p. 51). Nietzsche é apresentado por muitos de seus intérpretes como o último dos modernos e o primeiro dos pós-modernos, por ter sido o primeiro a formular uma teoria crítica sobre o fim dos fundamentos metafísicos (morte de Deus). Contudo, é a partir de Lyotard com a publicação de *A Condição Pós-moderna* em [1979] que são estabelecidas as bases e fronteiras do que seria o pós-moderno. É com ele que temos os marcos iniciais da pósmodernidade, ou em todo caso, se tem seu nascedouro.

Vattimo assume o niilismo em seu significado geral como de perda de sentido e valor do mundo. Nesse sentido, segundo interpreta Maia,

[...] em vez de concebê-lo apenas como filosofia da dissolução dos valores, da impossibilidade da verdade, Vattimo o interpreta como uma *nova ontologia* que pensa o ser para além da Metafísica objetivista, permitindo-lhe definir a sua *Ontologia pós-metafísica*. O niilismo radica as premissas da *ontologia* de Vattimo, ou como única via possível de sua ontologia. (MAIA, 2010, p. 96).

Por isso mesmo a pós-modernidade é pós-metafísica, não por ter simplesmente negado ou mesmo anulado a metafísica, pois, como sabemos, não é possível uma negação radical da metafísica. É contraproducente seguir por esta via, visto que a metafísica não pode ser negada, os temas e conceitos metafísicos devem por seu intento ser apenas lembrados, sem que isso signifique um retorno categorial do universal que se impõe, mas sim devem ser tomados como simples prossecução. Por conseguinte, a *Verwindung* é assumida dentro da obra vattimiana como uma despedida das ideias fortes da tradição metafísica.

A filosofia assume seu caráter estritamente hermenêutico, radicado na interpretação que representa, a nova dimensão ontológica na qual o ser é qualificado como a “[...] transmissão das aberturas histórico-destinais que constituem, para cada humanidade histórica, *je und je*, a sua específica possibilidade de acesso ao mundo. A experiência do ser, enquanto experiência de recepção-resposta dessas transmissões, é sempre *Andenken* e *Verwindung*”. (VATTIMO, 1996, p. 184). Essas aberturas que fala Vattimo significam, em linhas gerais, que o ser abre caminho para uma aceção de mundo não violento, em que *Andenken* e *Verwindung* possibilitam a condição atual da prática filosófica na pós-modernidade. Por isso, o niilismo constitui a principal premissa do pensamento de Vattimo. Essa é, portanto, segundo interpreta Danielle Mattia, uma “[...] etapa inaugural, mas ao mesmo tempo conclusão de processo, é para Vattimo o anúncio nietzscheano ‘Deus morreu’; inaugural porque é com ele que se abrem novas possibilidades para o homem, conclusão porque marca a maturação-consumação, nunca ‘fim’ de um percurso”. (MATTIA, 2002, p. 15).

A morte de Deus é, uma afirmação ontológica que está radicada no niilismo, é o fim de todas as verdades (valores supremos), sendo o niilismo aqui seguindo a letra de Nietzsche a crença no valor da ausência e é justamente essa ausência que para o homem “[...] se perdem os atributos que a metafísica tinha atribuído a eles, isto é, antes de qualquer coisa, a posição de sujeito e de objeto”(VATTIMO, 1989, p. 92). Aqui reside a insustentabilidade de princípios e valores que uma vez descoberto sua infundação permite identificar os seus limites além da crise da noção moderno/metafísico de subjetividade.

Essa perda de sentido de todos os valores supremos exige a elaboração de valores que recusem a dimensão da unidade em detrimento da afirmação da pluralidade. Frente à todos os apontamentos feitos acerca da pós-modernidade como a época do fim do moderno metafísico e do que nos torna pós-modernos, é motivo suficiente para uma preocupação com a dimensão ética e política em detrimento da dimensão cultural do presente.

Alguns eventos a nível global foram decisivos para essa transformação, para essa mudança do mundo e do modo de pensar a realidade. Em primeiro lugar, podemos apontar que aconteceu no século XX uma passagem de toda uma era da história mundial, ou seja, a passagem da sociedade de produção para a sociedade do consumo. Em segundo lugar, houve um processo de *fragmentação da vida humana*, de modo que temos hoje o que nos convém chamar de sociedade *fragmentada*. É preciso, portanto, criar um projeto de vida. Mas que projeto seria esse? Como pensar um projeto de vida em uma sociedade de consumidores marcada pela fragmentação da vida humana? Com essa fragmentação, as sociedades tornaram-se conseqüentemente individualizadas e não se pergunta mais a qual comunidade/nação, ou mesmo a qual movimento político pertencemos, pois tudo é transitório como pode ser visto em *Modernidade Líquida [2001]* de Zygmunt Bauman.

No contexto pós-moderno, é preciso redefinir, acima de tudo, a identidade individual, visto que vivemos em um ambiente de crescente pluralidade. Essas questões de identidade no mundo de hoje têm um papel extremamente importante, a exemplo podemos citar os vários movimentos identitários que sacudiram o mundo nos últimos 60 anos, como o caso dos já citados movimentos LGBTQUIA+. Tem também os movimentos que giram em torno dos direitos e reconhecimento de igualdade da comunidade afrodescendente, podemos citar, além dos movimentos políticos, a produção filosófica que gira em torno das discussões sobre gênero e igualdade de gênero, aproximando pensadores e pensadoras como Michel Foucault, Simone de Beauvoir; Judith Butler; Djamila Ribeiro; Márcia Tiburi, entre tantos outros.

Mas de todas as transformações ocorridas na história mais recente da humanidade, duas nos parecem ser irreversíveis, a saber: a primeira, está ligada a interdependência do mundo; a humanidade está hoje profundamente ligada, a ponto de todas as conexões e relações serem próximas umas das outras mesmo estando territorialmente afastadas a nível continental. A segunda, diz respeito ao dilema ambiental. A natureza foi assumida pela gestão humana na vã esperança de mantê-la sob controle, deste modo o homem teria pleno controle sobre o que acontecesse sobre o mundo. Contudo, apesar dos sucessos obtidos, de ter sido possível alcançar os mais diversos recursos do planeta, chegamos a um ponto em que a humanidade atingiu os limites suportados pelo planeta. É nesse contexto de perenes transformações que Vattimo está inserido e no qual se propôs a pensar uma ontologia niilista,

assim como uma ética pós-metafísica e sem transcendência, pois o momento histórico humano exige uma postura não fundacional do pensamento.

A busca por uma ética não-metafísica é um dos principais intentos da filosofia do século XXI como pode ser visto em Vattimo, Bauman, Lyotard, Arendt entre outros. Estaria a ética, portanto, com os dias contados? Nesse período de constantes transformações em que a compreensão da ontologia niilista se faz necessária, estaríamos testemunhando a “morte da ética”? Até que ponto é possível uma ética pós-metafísica e sem transcendência? Além do mais, até que ponto uma ética sem transcendência se sustenta? Estas são questões centrais para este estudo acerca da dimensão ética do pensamento de Gianni Vattimo.

É sabido que a agenda ética da pós-modernidade está cheia de itens, problemas ou mesmo questões que pensadores éticos do passado não levaram em consideração ou mesmo que os compreenderam mal. Isso não significa dizer que não tiveram condições de compreendê-los bem, mas sim porque em sua época estes problemas eram articulados como parte integrante da experiência humana. A partir destas afirmações, podemos citar os gregos antigos que desmereciam a participação das mulheres em questões concernentes a *pólis*. Todavia, no contexto atual questões como esta mostra-se completamente infundada, visto que a pós-modernidade abriu-se às diferenças e com essa abertura também se deu o surgimento de novos dilemas éticos ou em todo caso, a releitura dos problemas antigos.

É correto, portanto, associar a noções pós-modernas da ética a celebração da morte do ético uma vez que a ética como metanarrativa já não se sustenta e é possível pensar a emancipação a partir disso? Ante a todos os apontamentos feitos acerca da pós-modernidade, podemos afirmar que o pós-moderno não consiste em uma negação do moderno, nem mesmo se trata de negar os avanços da razão moderna, sejam eles no que diz respeito a epistemologia, a técnica e as ciências, que a modernidade legou às gerações futuras. A pós-modernidade, trata-se mais especificamente do rasgamento da máscara das ilusões de certas pretensões como falsas ou de certos objetivos como inatingíveis. É um erro pensar a pós-modernidade como a morte da ética. Nesse sentido, *Bauman em Ética Pós-moderna [1997]*, sugere,

[...] que a novidade da abordagem pós-moderna da ética consiste primeiro acima de tudo não no abandono de conceitos morais caracteristicamente modernos, mas na rejeição de maneiras tipicamente modernas de tratar seus problemas morais (ou seja, respondendo a desafios morais com regulamentações normativa coercitiva na prática política, e com a busca filosófica de absolutos, universais e fundamentações na teoria). Os grandes temas da ética — como os direitos humanos, justiça social, equilíbrio entre cooperação pacífica e autoafirmação pessoal, sincronização da conduta individual e do bem-estar coletivo — não perderam nada de sua atualidade. Apenas precisam ser vistos e tratados de maneira nova. (BAUMAN, 1997, pp. 10-11).

As transformações indicadas na citação acima exigem uma atualização também dos conceitos éticos, vistos agora sob a perspectiva de uma desconstrução da moderna compreensão de universalidade e de fundamentação. Ainda de acordo com Bauman, tudo isso,

[...] mudou com gradual afrouxamento da força da tradição [...] e com a crescente pluralidade de contextos mutuamente autônomos em que veio a se conduzir a vida de crescente número de homens e mulheres; em outras palavras, com o lançar desses



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

homens e mulheres na posição de *indivíduos*, dotados de identidades ainda-não-dadas, ou dadas mas esquematicamente — confrontando-se assim com a necessidade de “construí-las”, e *fazendo escolhas no processo*. (BAUMAN, 1997, pp. 11-12).

É preciso, antes de mais nada, no campo da desconstrução ética pós-moderna da universalidade e da fundamentação entender o *eu ético* em detrimento do outro, visto que uma ética *omniumana* (além do humano, transcendente) é inconcebível, uma vez que é destinada a repelir todas as distorções locais. Tanto a ideia de universalidade quanto de fundamentação estão pautadas no princípio de soberania que, em certos aspectos, assumem um caráter de “consequência-obrigação-coerção” e, em se tratando de normas éticas, o humano é compelido a aceitá-las pelo simples fato de ser humano. Todavia, abre-se as seguintes indagações: porque devemos concebê-los como verdadeiros, visto que são uma construção universal que não leva em consideração as transformações sociais constatadas nas idades pós-moderna do fim dos fundamentos? Por que devemos ser éticos? É inconcebível que uma visão unitária do mundo seja capaz de cumprir a tarefa de legar às futuras gerações às bases para uma sociedade justa e igualitária, levando em consideração a pluralidade de diferenças, gostos, etnias, culturas etc.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na leitura das teses levantadas por Gianni Vattimo e considerando as dimensões ético-políticas de seu pensamento, podemos concluir que a necessidade de se pensar não apenas as condições materiais do sujeito, mas também as condições políticas, éticas, religiosas, e, sobretudo, as condições ontológicas em que pese os critérios de identificação pós-moderno do fim da metafísica como ponto de partida para a pluralidade. E que nesse mundo onde todos estão cada vez mais interconectados, nós temos que aprender a aceitar o fato de que algumas pessoas pensam coisas diferentes das nossas, que elas não tem necessariamente que compartilhar do mesmo credo, defender o mesmo posicionamento político etc. Mas é preciso entender que são essas diferenças que os tornam singulares e que não são motivos de repúdio, mas sim de respeito. É imprescindível ter em mente que essa relação de coexistência entre as diferenças é absolutamente necessário e vital para a manutenção e continuação da vida humana nesse mundo de contrastes.

## AGRADECIMENTO

Ao MAF, à FUNCAP, à UVA e ao professor Glaudenir Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Z. *Ética Pós-moderna*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

OÑATE, T. *Il Limite Dell'interpretazione. L'ontologia ermeneutica nella postmodernità nichilista*. In: CHIURAZZI, G. *Pensara l'attualità, cambiare il mondo*. Milano: Bruno Mondadori, 2008

MAIA, A. G. B. *A Dimensão Ética da Ontologia dell'attualità de Gianni Vattimo*. 14 de Junho de 2010. 200f. Ciências Humanas. Doutorado em Filosofia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2010.





Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

VATTIMO, G. *O Fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.

VATTIMO, G. *Etica dell'iterpretazione*. Torino: Rosemberg & Sillier, 1989.

MATTIA, D. *Gianni Vattimo: l'etica dell'interpretazione*. Perugia: Firenze Atheneum, 2002.